



Carem Lúcia Guimarães, Thiago Porto e Carlos Henrique Porto

processo e acolheu Rita e Aparecida. Os nomes são fictícios para preservar a identidade das crianças. "Hoje, a família está completa. Sinto-me um homem, um pai realizado e muito amado pela família que Deus me concedeu", celebra.

Mesmo com a experiência da primeira adoção, Flávio sabia que cada filha teria necessidades e histórias diferentes. "Eu me perguntava: 'Seria eu capaz de fazê-las felizes, de oferecer todo o amor e a segurança de que necessitariam?'."

Algumas situações fizeram com que ele compreendesse a importância da própria presença. Em uma madrugada, Fátima machucou o braço e precisou ir ao hospital. Durante um exame, a menina sorriu. "Ela disse que estava feliz por eu estar ao lado dela, cuidando dela naquele momento", relata.

Outra experiência aconteceu com Rita. Depois de receber uma repreensão, a menina escreveu uma carta pedindo desculpas e solicitando paciência. "Ela disse que nunca havia tido um pai presente e de verdade, e aquela era uma experiência muito nova para ela", completa.

Para Flávio, os episódios revelam a construção de confiança. "São valores plantados e regados no dia a dia. Elas precisam deles hoje e para sempre."

A chegada das filhas transformou a rotina e a forma como o servidor público enxerga a vida. Momentos simples passaram a ter um novo valor. "Assistir a um filme comendo pipoca, andar de bicicleta, passear, abraçar e beijar me fazem enxergar que o carinho e o afeto talvez tenham sido o maior investimento que fizemos por nossas filhas", diz.

A construção do vínculo exigiu abordagens diferentes. Com Aparecida, o aprendizado foi valorizar a infância e a vontade de brincar com o pai. Com Rita,



Silva se realizou quando conseguiu adotar três filhas

o desafio foi construir confiança e compreender o tempo necessário para que ela se abrisse à nova família. Com Fátima, foi necessário lidar com o medo de perder espaço após a chegada das irmãs.

Para ele, a paternidade adotiva exige paciência, cuidado e disposição para permanecer. "Lidar com as rejeições das minhas filhas me obrigou a amá-las ainda mais. Não por culpa delas, pois sequer haviam experimentado um amor como mereciam", observa.

Hoje, as meninas definem o pai de maneiras diferentes. Aparecida o considera "legal, churrasco, coraçozinho de frango (alimento que ela adora e sempre ajuda o pai a temperar antes de assar), cosquinha e divertido". Fátima o define como amoroso. Para Rita, ele é divertido.

O afeto não é limitado

Para a psicóloga Cheila Alves Dias, a importância da figura paterna não depende da genética. "O que favorece o desenvolvimento saudável é a existência de um adulto que ofereça segurança, afeto, proteção, escuta e disponibilidade emocional."

Segundo ela, a presença paterna pode contribuir para a autoestima, a autonomia e a capacidade de lidar com frustrações. "A paternidade é constituída muito mais pelo vínculo afetivo do que pela genética. Ser pai é assumir diariamente o compromisso de cuidar, orientar, proteger, educar e amar", destaca.

Os vínculos, afirma, são construídos na repetição dos pequenos gestos. "A rotina compartilhada, as conversas, o brincar, o incentivar e os cuidados fortalecem o sentimento de pertencimento e confiança."

A psicóloga destaca que uma criança pode ter mais de uma figura paterna. "O afeto não é limitado. Uma criança pode construir vínculos significativos com o pai biológico, o pai adotivo, o padrasto, o avô ou outro adulto", explica. Para que essas relações coexistam de forma saudável, os adultos devem evitar disputas e priorizar o bem-estar da criança.

A médica de família Ana Caroline Viana Melo acrescenta que conhecer o pai biológico na vida adulta pode provocar uma reorganização da identidade, mas não apaga os vínculos construídos. "Conhecer a própria origem pode ajudar a preencher lacunas da história pessoal, mas não modifica o significado das relações que foram construídas ao longo da vida", diz.

Ela afirma que algumas pessoas podem sentir que precisam escolher entre o pai biológico e o pai afetivo, mas essa escolha não é necessária. "Os vínculos humanos não devem funcionar de maneira competitiva. O afeto não é um recurso limitado." O pai afetivo e o pai biológico podem ocupar lugares diferentes. "Não existe um 'pai verdadeiro' e outro 'falso', mas relações diferentes, com significados próprios", ressalta.

No caso da adoção, a construção do vínculo depende da constância do cuidado. "Disponibilidade emocional, demonstrações de afeto, estabilidade, respeito ao tempo da criança e presença constante favorecem a construção de um vínculo sólido", reforça.

As histórias de Maria Eduarda, Rita, Gabriela, Thiago e Flávio começaram de formas diferentes, mas se encontram na presença de alguém que escolheu cuidar.

Em uma família, o vínculo nasceu de um jogo de Uno e ganhou um nome em uma carta. Em outra, começou quando um homem decidiu registrar uma criança como filha e apoiá-la na busca pelas próprias origens. Também foi construído em noites passadas ao lado de uma cama, em trajetos para a escola, em idas ao hospital e na disposição de acolher crianças com histórias diferentes.

A paternidade, nessas trajetórias, não está apenas no sangue. Está na repetição dos cuidados, na proteção, na escuta e na escolha de permanecer. Para Rita, a experiência pode ser resumida em uma frase: "O sangue pode dar origem à vida, mas é o amor que constrói uma família. Meu pai me escolheu quando não tinha obrigação alguma. E essa foi a maior prova de amor que já recebi."